

AUTORA
DO FENÔMENO
"MIL BEIJOS DE
GAROTO"

Tillie Cole
**UM DESEJO
PARA NÓS
DOIS**

**OU
TRO** Planeta

TRECHO ANTECIDADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Tillie Cole

**UM DESEJO
PARA NÓS
DOIS**

Tradução
Flávia Souto Maior

 **Planeta**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Tillie Cole, 2018
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: *A Wish for Us*

Preparação: Carla Fortino
Revisão: Laura Folgueira e Valquíria Della Pozza
Diagramação: Beatriz Borges
Capa: Filipa Damião Pinto | Foresti Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Cole, Tillie
Um desejo para nós dois / Tillie Cole; tradução de Flávia Souto
Maior. – 2. ed. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
416 p.

ISBN 978-85-422-2074-2
Título original: *A Wish for Us*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Maior, Flávia Souto
23-0401

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

 **1**
Cromwell

BRIGHTON, INGLATERRA

A casa noturna pulsava conforme a batida que eu injetava na multidão tomava conta de cada corpo. Braços para cima, quadris balançando, olhos arregalados e vidrados enquanto a música reverberava nos ouvidos, as batidas rítmicas controlando cada movimento. O ar estava denso e úmido, as roupas colavam na pele das pessoas que se aglomeravam para me ouvir.

Eu observava todos se iluminarem com cores. Observava todos se entregarem ao som. Observava todos se livrarem de quem tinham sido naquele dia – assistente administrativo, estudante, policial, funcionário de uma central de atendimento, não importava. No momento, naquela casa noturna, eles, muito provavelmente chapados, eram escravos do meu som. Bem ali, naquele instante, minha música era a vida deles. Era tudo o que importava ao jogarem a cabeça para trás em busca de elevação, o quase nirvana que eu proporcionava a eles de meu lugar no alto.

Eu, no entanto, não sentia nada. Nada além do entorpecimento que a bebida ao meu lado me oferecia.

Dois braços envolveram minha cintura. O hálito quente tocou meu ouvido enquanto lábios volumosos beijavam meu pescoço. Tocando a batida final, peguei o Jack Daniel's e tomei uma dose direto da garrafa. Bati a garrafa na mesa e voltei ao laptop para mixar a música seguinte. Mãos com unhas afiadas percorreram meus cabelos, puxando as mechas negras. Bati nas teclas, abaixando a música, desacelerando a batida.

Minha respiração se prolongava enquanto a multidão esperava, pulmões paralisados enquanto eu os levava a um balanço lento, preparando para o crescendo. A onda épica de batidas e bateria, a insanidade da mixagem que eu tocaria. Tirei os olhos do laptop e observei a multidão, sorrindo ao vê-los no precipício, esperando... esperando... só esperando...

Já.

Bati a mão com força, segurando os fones no ouvido esquerdo. Um estouro, uma trovoadade de música eletrônica tomou conta da multidão. Uma explosão de cores neon preencheu o ar. Verdes e azuis e vermelhos encheram meus olhos enquanto se prendiam a cada pessoa como escudos de neon.

As mãos em volta da minha cintura se apertaram, mas eu as ignorei. Em vez disso, ouvi o chamado da garrafa de uísque que dizia meu nome. Tomei outra dose, meus músculos começaram a relaxar. Minhas mãos dançavam sobre as teclas do laptop, sobre minhas mesas de mixagem.

Levantei os olhos, ainda tinha a multidão na palma da mão. Sempre tinha.

Uma garota bem no centro da pista chamou minha atenção. Cabelos longos e castanhos penteados para trás. Vestido roxo, de gola alta – ela se vestia de maneira bem diferente das outras pessoas. A cor que a cercava era distinta – rosa-claro e lilás. Mais calma. Mais serena. Franzi as sobrancelhas enquanto a observava. Os olhos estavam fechados, mas ela não se mexia. Parecia completamente sozinha enquanto as pessoas se chocavam e se empurravam ao seu redor. Tinha a cabeça inclinada para cima e uma expressão de concentração no rosto.

Intensifiquei o compasso, acelerando o ritmo e a multidão o máximo possível. Mas a garota nem assim se mexeu. Aquilo não era normal para mim. Eu sempre tinha todas as pessoas da pista nas mãos. Eu as controlava, em todos

os lugares em que tocava. Nessa arena, eu era o titereiro. E todos eles, as marionetes.

Outra dose de uísque desceu queimando por minha garganta. E a garota permaneceu ali durante outras cinco músicas, no mesmo lugar, apenas absorvendo as batidas como água. Sua expressão não mudava. Nenhum sorriso. Nenhum ápice de euforia. Apenas... os olhos fechados e a maldita testa franzida.

E aquele rosa-claro e lilás ainda cercando-a como um escudo.

— Cromwell — disse em meu ouvido a loira que não tirava as mãos de mim. Ela levantou minha camisa e colocou os dedos no cós do meu jeans. Fincou as unhas compridas. Mas eu me recusava a tirar os olhos da garota de vestido roxo.

Os cabelos castanhos dela começavam a ficar encaracolados, efeito do suor, por estar espremida entre tantas pessoas. A loira, que estava a um passo de me masturbar na frente de todos, abriu o zíper do meu jeans. Programei a sequência seguinte, depois peguei a mão dela e a afastei de mim, fechando o zíper. Gemi quando ela voltou a colocar as mãos em meus cabelos. Olhei para meu colega, que tinha tocado antes de mim.

— Nick! — Aponte para minha mesa. — Dê uma olhada aqui. E não estrague tudo.

Nick franziu a testa, confuso, depois viu a garota atrás de mim e sorriu. Pegou os fones da minha mão e se certificou de que a playlist que eu havia preparado tocaria em sequência. Steve, o dono da casa noturna, sempre deixava algumas garotas entrarem nos bastidores. Eu nunca pedi, mas também nunca recusei. Por que recusaria uma gostosa disposta a fazer qualquer coisa?

Peguei meu uísque enquanto a loira juntava os lábios nos meus, puxando-me pela camiseta do festival Creamfields.

Afastei-me, substituindo seus lábios pela garrafa de Jack Daniel's. Ela me arrastou para uma área escura nos bastidores. Ajoelhou-se e abriu meu zíper novamente. Fechei os olhos, e ela começou a trabalhar.

Dei um gole no uísque e bati a cabeça na parede que havia atrás de mim. Forcei-me a sentir alguma coisa. Olhei para baixo, vendo os cabelos da loira balançarem. Mas o entorpecimento com o qual convivia todos os dias não me deixava sentir quase nada por dentro. A pressão na base da minha coluna aumentou. Os músculos da minha perna ficaram tensos, e logo terminou.

A loira se levantou. Pude ver as estrelas nos olhos dela quando olhou para mim.

— Seus olhos. — Ela esticou o dedo e contornou meu olho. — Têm uma cor estranha. Um azul tão escuro.

Tinham mesmo. Eles e meus cabelos pretos sempre chamavam atenção. Isso e o fato de eu ser um dos novos DJs mais famosos da Europa, é claro. Certo, talvez tivesse menos a ver com meus olhos e mais com meu nome, Cromwell Dean, encabeçando a lista de atrações da maioria dos principais festivais de música e casas noturnas naquele verão.

Fechei o zíper e me virei, vendo Nick tocar minha sequência seguinte. Eu me encolhi quando ele não conseguiu fazer a transição das batidas como eu faria. O pano de fundo da fumaça na pista estava azul-marinho.

Eu nunca tocava azul-marinho.

Passei pela garota dizendo “Obrigada, querida” e ignorei quando ela me respondeu com um “Idiota”. Peguei os fones da mão de Nick e os coloquei. Alguns toques no teclado depois, e a multidão já estava mais uma vez na palma da minha mão.

Sem pensar conscientemente, meus olhos encontraram o lugar onde antes estava a garota de vestido roxo.

Mas ela tinha desaparecido. Assim como o rosa-claro e o lilás.

Engoli outra dose de uísque. Mixei outra música. E então me desliguei totalmente.

* * *

A areia estava fria sob meus pés. Podia ser início de verão no Reino Unido, mas isso não significava que o vento noturno não congelava até a alma assim que se colocava a cabeça para fora. Segurando minha garrafa e meus cigarros, deitei na areia. Acendi um cigarro e fiquei olhando para o céu escuro. Meu telefone vibrou no bolso... de novo. Havia tocado a noite toda.

Irritado por ter que mexer o braço, peguei o celular. Vi três chamadas perdidas do professor Lewis. Duas da minha mãe e, finalmente, algumas mensagens.

MÃE: O professor Lewis está tentando falar com você de novo. O que vai fazer? Por favor, me ligue. Sei que está chateado, mas se trata do seu futuro. Você tem um dom, filho. Talvez esteja na hora de um recomeço. Não desperdice a oportunidade só porque está zangado comigo.

Uma fúria ardente tomou conta de mim. Quis jogar o telefone no meio do mar e vê-lo afundar junto com toda a merda que confundia minha cabeça, mas vi que o professor Lewis também havia mandado uma mensagem.

LEWIS: A oferta ainda está de pé, mas preciso de uma resposta até a semana que vem. Já estou com tudo pronto para a transferência, só falta sua resposta. Você tem um talento excepcional, Cromwell. Não o desperdice. Eu posso ajudar.

Dessa vez, larguei o telefone de lado e voltei a me afundar na areia. Deixei o barato da nicotina preencher meus pulmões e fechei os olhos. Quando cerrei as pálpebras, ouvi uma música calma tocando em algum lugar próximo. Clássica. Mozart.

Minha mente embriagada foi levada de imediato para quando eu era um garotinho...

— *O que você ouviu, Cromwell?* — *perguntou meu pai.*

Fechei os olhos e ouvi a música. Cores dançavam diante de mim.

— *Piano. Violinos. Violoncelos...* — *Respirei fundo.* — *Consi- go ouvir vermelhos, verdes e rosa.*

Abri os olhos e olhei para o meu pai, sentado em minha cama. Ele olhava fixamente para mim. Tinha uma expressão engraçada no rosto.

— *Você ouviu cores?* — *ele perguntou, mas não parecia surpre- so. Meu rosto ficou quente. Enfiei a cabeça embaixo do edredom. Meu pai puxou a coberta de meus olhos. Acariciou meus cabelos.* — *Isso é bom* — *ele disse, em um tom de voz meio grave.* — *Isso é muito bom...*

Abri os olhos. Minha mão começou a doer. Meus dedos estavam brancos de tanto apertar o gargalo. Sentei. Minha cabeça girava devido à quantidade de uísque em meu corpo. Minhas têmporas latejavam. Notei que era por causa não do uísque, mas da música que vinha do outro lado da praia. Tirei os cabelos do rosto e olhei para a direita.

Havia alguém a poucos metros de distância. Com os olhos semicerrados, vi que a noite clareava. O sol precoce do verão tornava possível distinguir os traços de quem quer que fosse. Era uma garota. Uma garota enrolada em um cobertor. Seu celular estava do lado, e um concerto para piano de Mozart escapava suavemente do alto-falante.

Ela deve ter sentido meu olhar, porque virou a cabeça. Franzi a testa, tentando me lembrar de onde conhecia seu rosto, mas aí...

— Você é o DJ — ela disse.

Aí a reconheci. Era a garota de vestido roxo.

Ela se enrolou ainda mais no cobertor enquanto eu repasava seu sotaque na cabeça. Americano. Da região do Cinturão Bíblico, se eu tivesse que chutar, com base no tom anasalado.

Ela falava como a minha mãe.

Um sorriso surgiu em seus lábios quando fiquei mudo. Eu não era muito de falar. Principalmente quando estava cheio de uísque na cabeça e não tinha interesse nenhum em jogar conversa fora com uma garota que eu não conhecia, às quatro da madrugada, em uma praia fria de Brighton.

— Eu tinha ouvido falar de você — ela disse.

Voltei a olhar para o mar. Navios se movimentavam ao longe, pontos de luz que pareciam minúsculos vaga-lumes, subindo e descendo. Soltei uma gargalhada sem graça. Ótimo. Outra garota que queria pegar o DJ.

— Que bom para você — murmurei, e tomei um gole de uísque, sentindo a queimação viciante descer pela garganta. Esperava que ela fosse embora, ou pelo menos parasse de falar comigo. Minha cabeça não suportava mais nenhum barulho.

— Não muito — ela respondeu. Olhei para ela, franzindo a testa, confuso. Ela observava o mar, o queixo apoiado nos braços cruzados sobre os joelhos dobrados. O cobertor havia caído de seus ombros, revelando o vestido roxo que eu tinha notado do alto. Ela se virou para mim, agora com o rosto encostado nos braços. O calor tomou conta do meu corpo. Ela era linda. — Ouvi falar de você, Cromwell Dean. — Ela deu de ombros. — Resolvi comprar um ingresso para te ver antes de ir embora para casa, amanhã.

Acendi outro cigarro. Ela franziu o nariz. Nitidamente não estava gostando do cheiro.

Problema dela. Ela podia se afastar. Da última vez que conferi, a Inglaterra era um país livre. Ela ficou em silêncio.

Eu a peguei olhando para mim. Seus olhos castanhos estavam apertados, como se ela estivesse me analisando. Lendo em mim algo que eu não queria que ninguém visse.

Ninguém nunca olhava para mim com atenção. Eu nunca oferecia essa oportunidade. Eu me dava bem na parte alta das casas noturnas porque ali mantinha todos distantes, na pista, de onde ninguém nunca conseguia ver meu *eu* verdadeiro. O modo como me olhava fez um arrepio de nervosismo percorrer minha pele. Eu não precisava daquela merda.

— Já chuparam meu pau hoje, querida. Não estou atrás de uma segunda rodada.

Ela piscou, e, mesmo sob o sol nascente, pude ver seu rosto corar.

— Sua música não tem alma — ela afirmou. Segurei o cigarro a meio caminho da boca. Algo conseguiu me apunhalar no estômago ao ouvir aquelas palavras. Engoli a sensação até sentir o entorpecimento de sempre. Traguei o cigarro.

— Ah, é? E o que você quer que eu faça?

— Ouvi dizer que você era uma espécie de messias naquela mesa. Mas sua música só tinha batidas sintéticas e estouros repetitivos e forçados de andamento não original.

Ri e balancei a cabeça. A garota me encarou.

— O nome disso é música eletrônica. Não é uma orquestra com cinquenta músicos. — Estendi os braços. — Você ouviu falar de mim. Foi o que você disse. Sabe que tipo de música eu toco. O que estava esperando? Mozart? — Olhei feio para o celular dela, que ainda tocava aquele maldito concerto.

Eu me sentei, surpreso comigo mesmo. Não falava tanto com alguém desde... nem sabia quando. Traguei o cigarro, soltando a fumaça que estava presa em meu peito.

— E você poderia desligar essa coisa? Quem vai ouvir um DJ tocar e depois vem para a praia escutar música clássica?

A garota franziu a testa, mas desligou a música. Voltei a deitar sobre a areia fria, fechando os olhos. Ouvi as ondas suaves batendo na praia. Meu coração se encheu de verde-claro. Ouvi a garota se mexendo. Torci para que estivesse indo embora. Mas a senti ao meu lado. Meu mundo escureceu quando o uísque e as noites de pouco sono começaram a me puxar para baixo.

— O que você sente quando toca sua música? — ela perguntou. Não consegui entender como ela achou que uma pequena entrevista àquela hora seria uma boa ideia.

Ainda assim, surpreendentemente, eu me peguei respondendo à pergunta:

— Eu *não* sinto. — Abri um olho quando ela não disse nada. Ela estava olhando para mim. Tinha os maiores olhos castanhos que eu já tinha visto. Cabelos escuros puxados para trás e presos em um rabo de cavalo. Lábios grossos e pele macia.

— Então esse é o problema. — Ela sorriu, mas o sorriso pareceu triste. De pena. — A boa música deve ser sentida. Por seu criador. Pelos ouvintes. Todas as partes dela, da criação ao ouvido, devem ser envolvidas por sentimentos. — Uma expressão estranha tomou conta de seu rosto, mas eu não tinha ideia do que significava.

Suas palavras eram como uma lâmina em meu peito. Eu não contava com aquele comentário duro. E não contava com o trauma brusco que ela pareceu causar diretamente em meu coração. Como se tivesse pegado um facão e feito um corte até chegar à minha alma.

Meu corpo pedia para eu me levantar e sair correndo. Para arrancar a declaração que ela havia feito sobre minha música da minha memória. Mas, em vez disso, eu me obriguei a gargalhar e soltei:

— Volte para casa, pequena Dorothy. Volte para onde a música significa alguma coisa. Para onde ela é *sentida*.

— Dorothy era do Kansas. — Ela desviou os olhos. — Eu não sou.

— Então volte para o buraco de onde saiu — rebati. Cruzando os braços diante do peito, eu me abaixei na areia e fechei os olhos, tentando bloquear o vento frio que soprava mais forte e batia em minha pele, e as palavras dela que ainda perfuravam meu coração.

Eu nunca deixava alguém me atingir assim. Não mais. Só precisava dormir um pouco. Não queria voltar para a casa da minha mãe, ali em Brighton, e meu apartamento em Londres estava muito distante. Então, com sorte, os policiais não me encontrariam ali e não me expulsariam da praia.

Com os olhos fechados, eu disse:

— Obrigado pela crítica noturna, mas, como o DJ de ascensão mais rápida na Europa, com as melhores casas noturnas do mundo implorando para eu tocar, tudo isso aos dezenove anos, acho que vou ignorar seus extensos comentários e simplesmente continuar vivendo minha vida boa pra cacete.

A garota suspirou e não disse mais nada.

Quando me dei conta, a luz do sol já ardia em meus olhos. Eu me encolhi quando os abri. O grasnado do bando de gaivotas reverberava em minha cabeça. Eu me sentei, vendo a praia vazia e o sol a pino no céu. Passei as mãos pelo rosto e gemi diante da ressaca que estava batendo. Meu estômago roncou, desesperado por um café da manhã inglês completo, com muitas xícaras de chá-preto.

Quando levantei, algo caiu do meu colo. Havia um cobertor aos meus pés, na areia. O cobertor que eu tinha visto ao lado da garota americana de vestido roxo.

No qual ela estivera enrolada na noite anterior.

Eu o peguei, um perfume leve chegou ao meu nariz. Doce. Viciante. Olhei ao redor. A garota não estava mais lá.

Ela havia deixado o cobertor. Não. Ela tinha me coberto com ele. “Sua música não tem alma.” Uma horrível sensação de aperto surgiu em meu estômago ao me lembrar daquelas palavras. Então a afastei, como tudo o que me fazia sentir. Aprisionando-a bem lá no fundo.

Depois fui para casa.



2 *Cromwell*

UNIVERSIDADE DE JEFFERSON, CAROLINA DO SUL

Três meses depois...

Bati na porta.

Nada.

Larguei a mala no chão. Ninguém atendeu, então girei a maçaneta. Metade do quarto estava coberta de pôsteres: bandas, arte, um quadro do Mickey Mouse e outro de um trevo verde-claro... os temas eram bem variados. Era a coisa mais aleatória que eu já tinha visto. A cama estava bagunçada, e havia um edredom preto embolado nos pés. Pacotes de batata chips e embalagens de chocolate acumulavam-se sobre a pequena escrivaninha. Tintas e pincéis usados estavam espalhados pelo parapeito da janela.

Eu era desleixado, mas nem tanto.

À esquerda estava o que obviamente era minha cama. Larguei a mala lotada no chão, ao lado dela, e me deitei. A cama era pequena, meus pés quase ficavam para fora. Tirei

os fones do pescoço e os coloquei no ouvido. O *jet lag* começava a bater, e eu estava com torcicolo por ter dormido em uma posição esquisita no avião.

Quando estava prestes a ligar a música, alguém entrou às pressas. Bati os olhos em um cara alto, de cabelos loiros e desgrenhados. Usava bermuda e camiseta regata.

— Você chegou! — ele disse, colocando as mãos nos joelhos, recuperando o fôlego.

Levantei uma sobrancelha, questionando. Ele fez sinal para eu esperar, depois chegou mais perto e estendeu a mão para mim. Eu a apertei, com relutância.

— Você é Cromwell Dean — ele disse.

Eu me sentei na cama, jogando as pernas de lado. O cara pegou a cadeira sob a escrivaninha e a colocou perto da minha cama. Ele a virou e se sentou, apoiando os braços no encosto.

— Sou Easton Farraday. Seu colega de quarto.

Acenei positivamente com a cabeça e depois apontei para o lado dele do quarto.

— Sua decoração é... eclética.

Easton deu uma piscadinha e abriu um sorriso. Eu não estava acostumado a sorrir para os outros. Nunca entendi que motivos as pessoas tinham para sorrir tanto.

— Essa é uma boa palavra para me definir. — E se levantou da cadeira. — Vamos.

Passando a mão no cabelo, também me levantei.

— E para onde estamos indo?

Easton riu.

— Nossa, cara. Vou demorar um tempo para me acostumar com esse seu sotaque britânico. — Cutucou meu braço com o cotovelo. — As garotas daqui vão ficar loucas com ele. — Ele movimentou as sobrancelhas para cima e para baixo. — Com o sotaque e com o fato de você ser um DJ famoso e tal. Você passa o rodo na mulherada, não é?

— Eu me viro bem.

Easton colocou a mão em meus ombros.

— Cara de sorte. Depois você tem que me ensinar! — Ele foi até a porta. — Vamos. Easton Farraday vai te mostrar tudo sobre a Universidade de Jefferson.

Olhei para o pátio pela janela. O sol estava escaldante. Eu vinha da Inglaterra; lá ninguém era acostumado a tanta exposição ao calor. Embora, tecnicamente, eu fosse da Carolina do Sul. Minha mãe era americana, mas eu não conhecia nada aqui. Nós nos mudamos para o Reino Unido quando eu tinha apenas sete semanas de idade. Eu podia ter nascido nos Estados Unidos, mas era completamente britânico.

— Por que não? — eu disse, e Easton me levou pela porta.

Eu o segui pelo corredor. Passamos por algumas pessoas, e todas elas cumprimentaram Easton. Apertos de mão, abraços e piscadinhas foram distribuídos por meu novo colega de quarto para garotos e garotas. Vi os caras me olhando de um jeito estranho. Alguns obviamente tentando me medir, outros nitidamente me reconhecendo.

Easton apontou com o queixo para um cara e uma garota que se aproximaram. O cara olhou para mim.

— Cacete. Cromwell Dean. Easton disse que você estava vindo, mas achei que ele estivesse contando vantagem. — Ele balançou a cabeça. — Por que está aqui na universidade? As pessoas só falam nisso.

Abri a boca, mas Easton respondeu por mim.

— Você veio por causa do Lewis, não é? Qualquer um que já pegou em um instrumento está aqui por causa dele.

O cara concordou, como se eu tivesse respondido à pergunta, e não Easton.

— Meu nome é Matt. Sou amigo do Easton. — Matt riu. — Logo você vai perceber que está dividindo o quarto com o cara mais popular daqui. Somos insignificantes nessa

faculdade, mas a boca desse cara é grande. Levou três semanas para todo mundo saber quem ele era no primeiro ano. E só mais algumas para o corpo docente, os alunos do último ano e todo o restante saberem o nome dele.

— Sara — apresentou-se a ruiva que estava ao lado de Matt.

— Sem dúvida você vai ser convocado para o nosso grupo.

— Você precisa tocar na sexta — Matt disse.

Easton resmungou e deu um soco no braço de Matt.

— Eu tinha um plano, Matt. Não dá para sair pedindo essas merdas do nada.

Alternei o olhar entre Matt e Easton. Sara revirou os olhos para eles, então Easton se virou para mim.

— Temos um velho celeiro-barra-galpão abandonado a alguns quilômetros do campus. Um ex-aluno é dono do terreno e do celeiro. Ele nos deixa fazer festas ali. Por aqui, não há muitos lugares para balada... tivemos que usar a criatividade. Está todo equipado. Um dos alunos do último ano se empolgou e arrumou luzes, uma pista de dança e uma plataforma alta. Quis torrar o dinheiro do papai quando descobriu que ele estava traindo sua mãe. Aquele lugar é um sonho universitário.

— E a polícia? — perguntei.

Easton deu de ombros.

— Estamos em uma faculdade que fica em uma cidade minúscula. A maioria dos alunos é desta região. A Jefferson nunca teve nenhum atrativo além de ser barata e acessível aos moradores dos arredores, até este ano, quando Lewis chegou. A maioria dos policiais estudou com alguém daqui no ensino médio. Velhos amigos. Eles não incomodam a gente.

— Eles não perguntam nada, a gente não fala nada. O Celeiro é bem longe da civilização, então não tem ninguém reclamando do barulho — Matt disse.

Minha cabeça estava latejando. Eu precisava de um cigarro e de umas catorze horas de sono.